
NARRATIVAS DE VIDA E DE ESCOLARIZAÇÃO DE GRADUANDOS DOS CURSOS DE LETRAS LIBRAS E LETRAS INGLÊS DA UFERSA

Ana Karla Medeiros da Silva¹
Genildo Agripino de Araújo²
Maria Aliane de Souza³
Marilene Alves Ferreira de Oliveira⁴
Nikésia Alessa de Moraes Alves⁵
Simone Maria da Rocha⁶

Resumo

Este estudo tem como objetivo apresentar as narrativas (auto)biográficas como método de pesquisa e formação docente. No âmbito da educação inúmeros estudos no Brasil vêm sendo desenvolvidos no sentido de apreender as experiências, saberes, conhecimentos que fazem com que a pessoa se torne docente. Quais experiências marcaram e/ou marcam as trajetórias de graduandos dos cursos de Letras Libras e letras inglês da UFERSA? Suas histórias são dignas de serem ouvidas? Como suas narrativas de vida e de escolarização podem nos ajudar a pensar a formação docente? O que podemos aprender com suas histórias de vida em formação? Esses questionamentos vêm mapeando as preocupações iniciais e guiando a trajetória metodológica dessa pesquisa. Espera-se apreender quais experiências foram essenciais em suas histórias de vida e de escolarização, a fim de, pelas narrativas, construir uma consciência biopolítica e epistemopolítica de sua vida profissional.

Palavras-chaves: Narrativas (auto)biográficas. Escolarização. Formação docente.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Bolsista PIBIC/CNPq/UFERSA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação – GEPNAE. E-mail: anakarla.ms@hotmail.com

² Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Bolsista PIVIC/UFERSA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação – GEPNAE. E-mail: genildo.aa@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Bolsista PIVIC/UFERSA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação – GEPNAE. E-mail: alianesouza2011@hotmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Bolsista PIVIC/UFERSA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação – GEPNAE. E-mail: marilenealves2612@hotmail.com

⁵ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Bolsista PIVIC/UFERSA. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação – GEPNAE. E-mail: nks.alessa@hotmail.com

⁶ Doutora em Educação. Professora dos Cursos de Letras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação – GEPNAE. E-mail: simone.rocha@ufersa.edu.br

Abstract

This study aims to present (self) biographical narratives as a research method and teacher formation. In the field of education, innumerable studies in Brazil have been developed in order to understand the experiences, knowledges, and knowledges that make the person become a teacher. What experiences have marked and / or mark the trajectories of undergraduate students of UFERSA? Are your stories worth listening to? How can your life and schooling narratives help us think about teacher formation? What can we learn from their life stories in formation? These questions have been mapping the initial concerns and guiding the methodological trajectory of this research. It is hoped to infer which experiences were essential in their life histories and schooling, in order, through the narratives, to construct a biopolitical and epistemopolitical awareness of their professional life.

Keywords: Biographical (self) narratives. Schooling. Teacher Formation.

1. Introdução

Este estudo tem como objetivo apresentar as narrativas (auto)biográficas como método de pesquisa e formação docente. No âmbito da educação inúmeros estudos no Brasil vêm sendo desenvolvidos no sentido de apreender as experiências, saberes, conhecimentos que fazem com que a pessoa se torne docente. Quais experiências marcaram e/ou marcam as trajetórias de graduandos dos cursos de Letras Libras e letras inglês da UFERSA? Suas histórias são dignas de serem ouvidas? Como suas narrativas de vida e de escolarização podem nos ajudar a pensar a formação docente? O que podemos aprender com suas histórias de vida em formação? Esses questionamentos vêm mapeando as preocupações iniciais e guiando a trajetória metodológica dessa pesquisa.

Os participantes do estudo são 05 (cinco) estudantes dos cursos de licenciatura em Letras Libras e letras inglês da UFERSA, câmpus Caraúbas/RN. A intenção é a de identificar em suas narrativas pistas que nos auxiliem a delinear perfis sociais e históricos dos estudantes que adentram as licenciaturas de letras na nossa universidade.

Procuramos aqui apresentar os achados iniciais das análises dessas narrativas que vêm nos permitindo apreender aspectos relevantes sobre a percepção de estudantes em formação de seus percursos de escolarização, ingresso na universidade e da formação em andamento.

Partimos de um diálogo teórico com Ferrarotti (2008), Delory-Momberger (2008; 2012) e Passeggi (2010; 2011; 2014) para discutir a importância das narrativas como fonte de

pesquisa e formação. Em seguida, apresentamos o percurso metodológico adotado e passamos às análises e resultados iniciais da pesquisa.

2. Referencial Teórico

A pesquisa (auto)biográfica em Educação tem como um de seus fundamentos adotar as narrativas na primeira pessoa como matéria primordial para investigar a complexidade dos modos como crianças, adolescentes, jovens e adultos percebem sua condição humana em diferentes momentos e espaços de vida, como eles se inscrevem em diferentes categorias sociais e geracionais e constituem sua historicidade, em diversas situações, enquanto sujeitos singulares-plurais.

Para Passeggi (2011), a pesquisa (auto)biográfica situa-se num movimento científico e cultural que impulsionou, nos anos de 1980, o retorno do sujeito-ator-autor às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Diante do declínio dos grandes paradigmas – “estruturalismo, marxismo, behaviorismo – a linguagem, como prática social, o cotidiano, como lócus da ação, e o saber do senso comum tornam-se centrais na tessitura de outros laços entre sujeito/objeto, indivíduo/sociedade, determinismo/emancipação, inconsciente/consciência” (PASSEGGI, 2011, p. 13).

Nesse sentido, escutar graduandos sobre suas próprias experiências e legitimar suas narrativas como fonte de pesquisa relaciona-se no campo científico a este movimento de valorização da voz do sujeito em formação, bem como de sua emancipação. Passeggi (2014), lembra que ao assumir os princípios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica em educação, é preciso considerar o seu objeto, que conforme Delory-Momberger (2012, p. 524 *apud* PASSEGGI, 2014, p.134.) trata-se de:

“[...] explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social e mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência”. Nesse sentido, a pesquisa (auto)biográfica, ainda segundo a autora (ib.), assume uma das questões centrais da antropologia social: *como os indivíduos se tornam indivíduos?*

Nessa direção, as autoras defendem que as narrativas na primeira pessoa são fontes de pesquisa privilegiadas para se compreender como os indivíduos se tornam indivíduos e lança um questionamento, com o qual comungamos: “Se o objeto da pesquisa (auto)biográfica é explorar a gênese e o devir dos indivíduos no seio do espaço social, a pesquisa *com futuros professores em formação* não seria então um campo privilegiado para esse objeto de investigação?”

Por que escutar as narrativas de graduandos dos cursos de Letras Libras e letras inglês da UFERSA? Não pretendemos dar uma resposta simples a uma questão cada vez mais complexa, pois depois da virada do milênio se constata cada vez mais mudanças na formação docente, a percepção de lugares aprendentes, como bem nos lembra Schaller (2008), a necessidade de adaptações as novas formas de perceber e agir no mundo da escolarização. A nossa intenção é a de um aprofundamento epistemológico e valorização do sujeito social com condições de narrar suas experiências e apontar pistas para pensar a formação de professores e, ao mesmo tempo, as políticas de acolhimento institucional em nossas universidades brasileiras.

Essas são as grandes linhas que adotamos como princípios epistemológicos na nossa pesquisa com narrativas (auto)biográficas. Eles norteiam nossos modos de provocar narrativas, recolhê-las, transcrevê-las e interpretá-las. Admitimos que as histórias narradas pelos participantes sobre suas experiências de vida, histórias de escolarização, ingresso na universidade e relação com a graduação transformam-se em exercícios reflexivos autopoieticos, e incidem não somente na reinvenção deles mesmos, como também do pesquisador pela reflexividade que pressupõem os atos de ouvir e de narrar. Como afirma Passeggi (2010, p. 2), a cada “nova versão da história a experiência é ressignificada”. E essa seria uma das razões para justificar a pesquisa educacional com as narrativas, pois ela nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica.

É com base nesses princípios aqui apresentados de modo sucinto que apostamos na autenticidade do que os graduandos dos cursos de Letras Libras e letras inglês da UFERSA têm a nos contar sobre como vivem os seus processos de formação e a sua relação com a universidade pública. Vale destacar que ambos os cursos são novos na instituição e nenhum deles passou pelo processo de avaliação do Ministério da Educação-MEC, pois a primeira turma ainda não concluiu. Lembramos também que o curso de Letras Libras da UFERSA é o primeiro em universidade federal no interior do Brasil. Tais informações corroboram com a necessidade de realização de pesquisas no campo da formação docente em nossa instituição.

3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa em andamento, realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto)Biográficas em Educação (GEPNAE), que envolve além da professora orientadora, cinco estudantes das licenciaturas em Letras Libras e Letras Inglês da

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), no câmpus de Caraúbas. No quadro abaixo faremos uma breve apresentação dos participantes:

Nome⁷	Idade	Curso	Período
Eduardo	35	Letras Libras	6º
Marilene	41	Letras Libras	6º
Aliane	25	Letras Libras	6º
Cecília	28	Letras Libras	5º
Nicolý	27	Letras Inglêss	5º

Quadro: Perfil dos participantes

Fonte: Dados da pesquisa

Ressaltamos que os participantes são membros do GEPNAE e participaram de todo o processo da pesquisa, inclusive da análise de dados. Esta pesquisa ancora-se nos princípios da investigação qualitativa em educação. Para a recolha dos dados, seguimos as orientações de Delory-Momberger (2014), no que diz respeito aos ateliês biográficos e de Passeggi (2011), quanto ao Grupo Reflexivo.

Foram realizados 10 (dez) encontros, sendo os 04 (quatro) iniciais para estudo e aprofundamento teórico-metodológico; e 06 (seis) finais foram destinados às produções e socializações das narrativas (auto)biográficas orais e escritas. Os encontros aconteceram durante quatro meses, organizados da seguinte maneira: semanalmente para o aprofundamento teórico-metodológico e quinzenalmente para os Grupos Reflexivos, onde eram compartilhadas as narrativas orais e escritas produzidas pelos discentes.

Os ateliês de escrita (auto)biográfica realizados pelo grupo de graduandos, junto a professora, compreenderam cinco etapas: Primeiro e segundo foram contatos iniciais com os participantes do grupo, uma explicação sobre a pesquisa, e a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual estão explicitados os objetivos, a metodologia, os riscos e os benefícios da pesquisa. O participante pôde concordar ou não em partilhar do grupo, sendo facultado desistir em qualquer momento, respeitado seu direito de escolha. Foram convidados alguns professores de escolas da Educação Básica do município de Caraúbas para que participassem dos dois primeiros encontros e compartilhassem suas

⁷ Os nomes utilizados são fictícios, a fim de preservar a identidade dos participantes. Vale ressaltar que foram escolhidos por eles.

experiências enquanto profissionais da educação. Consideramos que foi um momento muito rico, de aprendizagens, vivências e generosidade profissional.

No terceiro ateliê, a pergunta indutora para a construção da narrativa foi: Quais experiências de vida te fizeram escolher/despertar para ser professor/a? A partir dessa pergunta todos contaram suas experiências e discutimos sobre as influências que um/a professor/a pode vir a ter, sob seus alunos. A produção da primeira narrativa e a socialização dela fazem parte da terceira e quarta etapa da pesquisa. A cada encontro era lançada uma nova pergunta indutora na qual o discente era orientado a refletir e a reescrever sua história de vida, lembrando pessoas, lugares, tempo e acontecimentos significativos em seu percurso educativo. “A finalidade dessa primeira narrativa é constituir um traçado para a escrita da segunda narrativa autobiográfica, objeto de uma “tarefa” para o encontro seguinte”(DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 341).

A quinta e sexta etapa consistiram na finalização das narrativas autobiográficas. Foi o momento de socialização e compreensão das histórias narradas. Nesta etapa os participantes foram organizados em tríades, enquanto um lê sua narrativa os outros participantes fazem perguntas sem interpretar a narrativa do outro. Conforme orientação de Delory-Momberger (2014, p. 341):

[...] Cada um apresenta sua narrativa no coletivo e os participantes fazem perguntas sem nunca procurar dar interpretação: este trabalho comum de elucidação narrativa visa ajudar o autor a construir sentido em sua história de vida e os narratários a compreender essa história do exterior como fariam com um romance ou com um filme [...].

Este é um processo que ajuda o autor a perceber e a construir sentido em sua história de vida a partir de outra perspectiva, pelo acompanhamento e compartilhamento da história. Atribuindo uma sequência de acontecimentos para que o outro que ouve e está de fora da história, depreenda os acontecimentos significativos na história narrada.

Utilizamos como *corpus* para análises narrativas orais e escritas produzidas pelos graduandos em ateliês de escrita (auto)biográficas, realizados na UFERSA, câmpus Caraúbas. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, os dados apresentados a seguir são achados iniciais.

4. Resultados e Discussão

Analisar dados é sempre um desafio na pesquisa. Preocupações com o rigor científico, zelo pelas histórias narradas e o respeito pelos participantes direcionaram o presente estudo.

Para a análise dos dados, seguimos as orientações de Jovchelovitch e Bauer (2002) no que diz respeito a análise temática. Os autores orientam que as narrativas devem ser distribuídas em três colunas, sendo a primeira com a narrativa na íntegra; a segunda com a primeira redução ou paráfrase; e a terceira com as palavras-chave ou palavras-temática.

Os achados iniciais nos conduziram à elaboração de dois eixos: **1. Família: reminiscências e suporte emocional; 2. Profissão docente: um mundo a desvendar.** Cada eixo está composto por categorias de análise que apresentamos a seguir.

1. Família: reminiscências e suporte emocional

Narrar nossa própria história nem sempre é simples. O que contar, como contar, a quem contar... são questões importantes na construção narrativa, principalmente quando migramos da narrativa oral para a narrativa escrita. Eduardo (2017), expressa logo de início essa dificuldade:

Descrever sobre si é muito interessante. Isso te faz refletir sobre determinadas decisões e fatos históricos que marcaram nossa vida. Tenho aqui tentado encontrar palavras para expressar um pequeno momento de minha vivência. Embora surjam em meus pensamentos diversos acontecimentos, ainda assim tenho dificuldades para organizar em um texto escrito.

Encontrar o fio da narrativa inicial é o desafio posto de imediato para quem começa a contar sua história. Ao analisarmos as narrativas dos participantes fomos percebendo que alguns acontecimentos, eventos e personagens se aproximavam, ou seja, eram fatos recorrentes o que nos ajudou a construir a primeira categoria: *memória familiar*.

As narrativas de Aliane e Marilene revelaram que, direta ou indiretamente, situações familiares contribuíram para a entrada na universidade. Observamos isso claramente na fala de Aliane (2017):

[...] Meu avô sempre esteve cuidando de todos nós. Ele era um pai para mim, a quem serei eternamente grata por tudo que fez. O meu avô sempre teve o sonho de me ver formada, mas infelizmente antes mesmo de iniciar o meu curso ficou doente de câncer e Deus o levou. Tempo depois de o meu avô partir, o sonho que ele tanto teve estava começando a dar início [...].”

Percebemos que a trajetória formativa de Aliane está marcada por uma reminiscência afetiva, um desejo de alguém muito importante para sua família, projetado na sua própria história de vida. Na mesma direção da memória familiar Marilene (2017) nos apresenta as rupturas e encontros com os estudos quando diz: “Parei de estudar durante anos, pois fui mãe e, sendo assim, precisei trabalhar e me dedicar aos meus filhos. Quando eles já estavam na

escola, pude terminar o meu ensino médio. Após um longo período, consegui, então, ingressar no curso de Letras Libras”.

As narrativas das participantes nos levam a pensar nas palavras de Delory-Momberger (2014, p. 337), quando lembra que contar um pouco da vida é

[...] uma dimensão que permeia o conjunto dos momentos e que contribui para construí-los, na medida em que a narrativa da vida permite reunir episódios e experiências da vida que pertencem a tempos e a contextos heterogêneos. Narrando sua vida, o indivíduo ordena, tematiza, interpreta os acontecimentos de sua existência segundo uma coerência de forma e de sentido: tendo sobre sua vida e sobre si mesmo um discurso que responde aos princípios de sucessão e de causalidade [...].

Aliane e Marilene procuram situar-se num tempo heterogêneo de acontecimentos sucessivos e permeado pela causalidade da vida, perceptíveis nas frases “*tempo depois do meu avô partir*”, bem como “*após um longo período*”. Existe uma tentativa clara de dar coerência temporal e sequencial aos acontecimentos. Na mesma perspectiva Bruner (2002, p. 46) afirma que “[...] uma narrativa é composta por uma seqüência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores”. E as participantes esforçam-se nesse sentido.

“Tudo começa em 2014 quando fiz o Enem e passei para o curso de Letras Libras. Meus pais me incentivaram e me ajudaram em tudo que precisei [...]”. Esta fala de Cecília (2017), demonstra a importância do *suporte emocional e financeiro da família* para a concretização de sua matrícula, mudança para uma outra cidade e início do curso: “[...] Cheguei a Caraúbas sem conhecer ninguém, fiquei hospedada uma semana no apartamento de uma senhora que nunca tinha visto na minha vida, mas que me auxiliou durante um tempo”. As redes de relações tecidas cotidianamente pela graduanda favoreceram a sua permanência no novo cenário de vida. As relações que estabeleceu com os outros era uma forma de também relacionar-se consigo mesma, num novo projeto de vida e formação: “[...]Era uma experiência nova na minha vida, estava muito entusiasmada, gostava de tudo, do curso, dos colegas, de morar sozinha, me sentia independente, livre, adulta” (CECÍLIA, 2017).

2. Profissão docente: um mundo a desvendar

Num contexto de iniciação da formação profissional, pela entrada na universidade, as narrativas apontam para aspectos relevantes na construção de uma identificação com o curso escolhido e, ao mesmo tempo, com o mundo novo de vida, como observamos na fala de Cecília “*gostava de tudo [...] me sentia independente, livre, adulta*”.

Os relatos parecem caminhar no sentido de um desvelamento cotidiano da profissão:

A necessidade de ingressar em qualquer curso superior nos dá uma ideia de realização pessoal, talvez essa busca nos conduza a descobrir de fato as áreas específicas que nos desafiam. Quero me referir a vocação. [...] Era Letras Inglês que [...] me proporcionaria uma felicidade indubitável. (NICOLY, 2017).

A narrativa de Nicolý expressa por um lado a necessidade de ingressar no ensino superior e por outro as dificuldades em escolher ou de fato poder entrar no curso que deseja. Nem sempre os graduandos escolhem o curso, por vezes são escolhidos pelos cursos, de acordo com suas notas no Enem. Conforme a própria Nicolý (2017) conta “[...]Vi esse espaço como uma espécie de oportunidade para adquirir conhecimento e uma forma de ingressar num curso superior, especificamente em Psicologia. Sim, sonhei durante alguns anos com essa carreira/área”. O que fez mudar de planos? Por quais razões não concretizou seu desejo de estudar Psicologia? Algo aconteceu no seu percurso que a fez ter no curso de Letras inglês uma “felicidade indubitável”.

Marilene (2017) diz acerca de sua entrada no curso: “[...] num primeiro instante nem eu mesma acreditei e não estava confiante, mas decidi tentar, caso não gostasse ou até mesmo não acompanhasse desistiria [...]”. O percurso de vida de Marilene foi tão marcado por rupturas e dificuldades que não conseguia acreditar que era possível entrar na universidade pública, e se entrasse o medo de não “acompanhar”, ou seja de não aprender, estava em suas preocupações. O mundo da Libras, desconhecido para ela, estava a ser desvendado, conforme relata: “[...] na verdade, eu não conhecia nada da Libras, foi tudo muito novo, pois não tinha ideia da dimensão dessa língua e sua cultura surda [...]”. Portanto, entrar no curso de Libras foi para ela descobrir uma nova língua e uma nova cultura.

Com relação a entrada no curso Aliane (2017) conta:

O meu primeiro contato com a Libras foi na colação de grau das minhas irmãs, lá havia uma intérprete de Libras interpretando toda a colação [...] então achei muito interessante e muito linda a Libras. Quando começou a inscrição no SISU vi que tinha um curso de Libras na Ufersa Caraúbas e então como não estava cursando nenhum curso resolvi escrever-me em Letras Libras, apenas sabia que Libras era uma forma das pessoas se comunicarem com o surdo.

As narrativas demonstram o desconhecimento com relação a Libras e a cultura surda. Eduardo (2017) conta que suas primeiras aproximações com a Libras foi numa perspectiva de ajudar na comunicação, visto que trabalhava em hospital, como técnico de enfermagem, e tinha vivenciado uma experiência difícil com um paciente surdo que não pôde ser atendido e precisou ser transferido de hospital por falta de intérprete.

Diante desses fatos comecei a me atentar para a falta de profissionais capacitados na área de Libras, até que surgiu um curso básico pelo PRONATEC no IFRN de Caicó, me inscrevi com o intuito de aprender as primeiras comunicações. Confesso que a cada dia de aula meu desejo de aprender só aumentava, ao interagir com a comunidade surda fui percebendo a importância dessa língua de sinais. Poderia, então, me tornar um profissional dessa área.

Eduardo (2017) que inicialmente começou a estudar a Libras como uma possibilidade de auxílio na comunicação, foi aos poucos desvendando um universo novo e, quiçá, uma possibilidade profissional. A representação tanto da língua quanto da cultura surda sofreu uma grande transformação quando ele adentrou no curso:

[...] antes meu olhar era diferente, meu intuito era porque eles precisavam de ajuda em determinadas situações. Eu não tinha essa visão de mercado de trabalho para profissionais de Libras, antes de entrar no curso de Letras Libras. Meu olhar era preconceituoso com relação a comunidade surda.

Lembramos que perceber a Libras como um campo de atuação profissional resulta de uma luta social e política da comunidade surda, dos direitos humanos, das instituições científicas que tanto lutaram para a aprovação da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Eduardo (2017) diz: “Nunca me passou pela cabeça que um surdo poderia dar aula, nem que existia uma gramática própria da língua, via os surdos como coitadinhos”. Ou seja, havia uma total desinformação do universo surdo. Toda a representação de Eduardo (2017), anteriormente sua entrada no curso, era baseada no senso comum arraigado de preconceitos. Ele continua:

Hoje todos esses pensamentos preconceituosos foram desfeitos. Percebi que a capacidade cognitiva do surdo é igual a de qualquer ouvinte, sua limitação não impede de ter uma vida normal. Me vejo no futuro como um profissional dessa área, tenho planos que antes, por falta de conhecimento nunca imaginei.

Eduardo demonstra em sua narrativa que a profissão docente no curso de licenciatura em letras libras, em seu percurso formativo, vem colaborando para atribuir outros sentidos a Libras, a cultura surda e ao seu próprio projeto de vida.

5. Conclusão

A narrativa (auto)biográfica não se limita a permitir que o indivíduo simplesmente descreva acontecimentos de sua vida, antes, constitui uma ação social por meio da qual a pessoa retotaliza, de maneira sintética, o seu percurso de vida e a sua interação com o meio que a circunda. Percebemos pelas primeiras análises realizadas que os estudantes contam suas

histórias de aproximações, aprendizagens e estratégias de permanência no curso. Os achados iniciais nos conduziram à elaboração do eixo *Família: reminiscências e suporte emocional*, no qual apontam para a memória familiar, as trajetórias que os fizeram encontrar o curso de letras Libras. Outro eixo desenvolvido foi a *Profissão docente: um mundo a desvendar*, nele os participantes nos contam dos desafios encontrados na descoberta da profissão e na (re)construção de projetos de vida. Esperamos dar continuidade as análises e apresentarmos em outro momento de maneira mais aprofundada.

Referências

ALIANE. Narrativa (auto)biográfica. Caraúbas, 2017.

BRASIL. **LEI Nº 10.436**, de 24 de abril de 2002.

BRUNER, J. Atos de significação. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias**. *Direito, Literatura e Vida*. Trad. de F. Cássio, São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CECÍLIA. Narrativa (auto)biográfica. Caraúbas, 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. Expérience de la maladie et reconfigurations biographiques. Dossier Apprendre du malade. **Revue Education PermanentE** – Nº 195/2013-2, Juin 2013.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A. e FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

EDUARDO. Narrativa (auto)biográfica. Caraúbas, 2017.

MARILENE. Narrativa (auto)biográfica. Caraúbas, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M.C. e SILVA, V. B. (Orgs.). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. A pesquisa (auto)biográfica em Educação. Princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Maria de Fátima. (Orgs.). **Em torno da noção de alteridade**, 2011.

_____. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 147-156, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. **L'enfance à l'école** : Scénarios et enjeux de la recherche avec des enfants au Brésil. In (Dir.) LANI- BAILE, M.; PASSEGGI, M. C. *Raconter l'école: à l'écoute de vécus scolaires en Europe et au Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2014, p. 33-48.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (Org.). **O método (auto)biográfico**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 97-118.

PINEAU, Gaston. Gêneros, gerações, infâncias e famílias: perspectivas (auto)biográficas. In: EGGERT, Edla; FISHER, Beatriz Dautd. **Gênero, geração, infância, juventude e família**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. P. 197-218.

NICOLY. Narrativa (auto)biográfica. Caraúbas, 2017.